

Epílogo Bônus: A Noiva do Capitão

Tessa Dare

Tradução: Suelen Mattos

Por um tempo, recebi muitas mensagens e perguntas dos leitores a respeito dos personagens de "A Noiva do Capitão" — Maddie, Logan, tia Thea e todos os homens de Logan. Parece que muitos queriam saber que todos terminaram felizes, e eu também. Então escrevi este epílogo bônus como uma maneira de dar uma olhadinha neles alguns anos depois. Ficou um pouco longo, então decidi dividi-lo em três partes.

Acompanhem Logan, Maddie, Tia Thea e os homens de Logan alguns anos após o final do livro "A Noiva do Capitão".

Quando Um (Outro) Escocês Se Casa

Parte I

Logan

— Seu ladrãozinho. Volte já aqui.

Logan perseguiu o risonho desordeiro descendo as escadas em espiral do Castelo de Lannair e entrou no grande salão, onde uma dúzia de pessoas se preparava para o casamento que aconteceria naquela noite. Connor correu direto para o noivo.

— Não tão rápido, jovem Mestre Connor. — Rabbie tirou o menino do chão e olhou para Logan. — O que ele fez agora?

Logan fez um gesto de "*fique parado*".

— Calma. Não o sacuda.

Ele se aproximou do seu filho pestinha com as mãos para cima, falando em voz baixa e suave:

— Agora, Connor, você sabe o quanto esses insetos significam para a sua mãe. Ela não vai gostar de perder um. Cuspa agora.

O garoto se contorceu e balançou a cabeça, os lábios fechados.

Rabbie baixou a voz:

— Estou feliz em te ver, capitão. Estava querendo falar com você. Sobre o casamento.

— Mais tarde.

— Não há muito "mais tarde" sobrando, — Rabbie disse. — Estive pensando. Ponderando. Se isso é a coisa certa para mim. Para nós, quero dizer.

Logan amaldiçoou em voz baixa. Ele não tinha tempo para as incertezas de Rabbie.

A baba escorria pelo queixo de Connor.

Era isso. Logan iria invadir.

Ele estendeu a mão, pegando a criança pelo queixo e enfiando um dedo entre seus dentinhos. Podia sentir o inseto ali, empoleirado naquela língua gorda e babada. Se apenas conseguisse abrir a boca do menino um pouco mais, um movimento de seu dedo faria o resto.

— Aí está, — ele murmurou, pressionando as laterais da mandíbula do menino. — Abra. Desse jeito.

— Isso é casamento, — Rabbie continuou. — Não sei se estou pronto.

— Agora não, Rabbie.

— Quero dizer, eu a amo. Mas esses votos... são para a vida toda. E se eu estiver cometendo um erro?

Logan resmungou:

— Olhe a sua volta. A decoração foi pendurada. Maddie preparou a casa para os convidados e as mulheres trabalharam durante dias na festa. Eu ainda sou o seu capitão e, se for preciso, ordenarei que se case com ela.

— Não funciona assim. Um homem tem que fazer o seu próprio...

— Ahh!

Connor mordeu o dedo de Logan — com força.

E depois teve a audácia de rir.

Logan tirou o garoto do colo de Rabbie, segurou-o pelos tornozelos e o virou de cabeça para baixo.

— Cuspa isso. — Ele sacudiu o garoto. — Cuspa agora, ou sua mãe vai me matar.

— Pelos céus, o está acontecendo?

Perfeito. Maddie entrou no salão a tempo de vê-lo segurando o filho deles pelos tornozelos. Connor se contorceu como uma truta na linha. E depois...

Gulp.

Logan suspirou.

— Eu pedi a você que cuidasse dele por uma ou duas horas, — Maddie disse. — Não se passaram nem vinte minutos. O que aconteceu?

Logan endireitou o garoto.

— Seu filho comeu um inseto.

— *Seu* filho comeu um inseto, acho que é isso o que você quer dizer. — Ela tirou o garoto se contorcendo dos braços dele. — Qual inseto?

— Um desses besouros. Os espécimes que chegaram de Hampshire.

— Ah, não! Ainda não terminei de desenhá-los, muito menos de colorir as ilustrações.

— Eu tentei recuperá-lo. — Logan esfregou a nuca. — Olhe pelo lado bom. Ele ficará feliz com lacrainhas e gafanhotos de presentes de natal.

Maddie deu um suspiro e o som deu uma pontada no coração dele. Entre trabalhar, ser mãe e organizar o casamento de Rabbie, não lhe sobrava muito tempo. Ela aparentava estar cansada ultimamente, e agora ele a desapontara.

— Estão nascendo os dentes de novo, — ela disse. — Ele vai colocar qualquer coisa na boca. — Maddie pegou um pouco de biscoitinho de casamento de uma mesa próxima e entregou ao menino. Connor o atacou como um cachorro roendo um osso. — Hora de se deitar, querido. — Ela se dirigiu para as escadas com o ladrãozinho de besouro nos braços.

Logan teria que pensar em algo muito criativo para cair novamente nas boas graças de sua esposa. Mas, primeiro, teria que lidar com um noivo relutante. Ele estava pronto para pegar Rabbie pelas bolas e torcê-las. Logan poderia ter custado à sua esposa um besouro e um descanso muito necessário, mas este casamento seguiria conforme o planejado.

Ele se virou e olhou pelo salão.

Rabbie havia ido embora.

Rabbie

Visitar Callum foi um erro. Rabbie deveria saber que seria.

— Você está pensando demais nisso, — Callum disse. — Ela ama você. Você a ama. É simples.

Sim. Era simples para *Callum*. O homem fora feito para o compromisso — com o exército, com o senhor do castelo, com a esposa, com a família.

Depois de se instalarem em Lannair, o capitão nomeou Callum como seu administrador de terras. Os pés do homem haviam fincado raízes naquele solo pantanoso. Em pouco tempo, ele colocara os olhos numa bela e jovem viúva. Tomou Leana como esposa, o filho pequeno dela como seu e agora eles tinham gêmeos no berço também.

— Não é possível que esteja com dúvidas. — Callum equilibrou um bebê rechonchudo em um braço — sendo aquele o seu único braço bom, desde a guerra. — No dia em que viu Sorcha pela primeira vez, disse a todos nós que iria se casar com a moça.

— Sim, mas isso foi porque sabia que ela nunca me aceitaria. — Rabbie sentou-se à mesa da cozinha de Callum e deixou a cabeça cair em suas mãos. Seu cérebro estava girando. — Você sabe como eu sou. Jurei nunca sossegar. Persegui cada moça do condado. Nunca sonhei que uma mulher assim pudesse ser conquistada. Não por alguém como eu.

Sorcha Graham era filha de um tipógrafo de Inverness. Linda. Animada. Intensa como um raio. Ela poderia conseguir algo muito melhor do que Rabbie MacInnes, um soldado sem família e com muita pouca coisa em seu nome.

— E se nos casarmos, e depois ela...

O gêmeo que Callum não estava segurando — Angus, Agnes... Rabbie nunca conseguia distinguir os dois — começou a chorar no berço.

— Espere um momento, — Callum disse. — Ela sujou seu paninho, muito provavelmente. Ele entregou a criança em seu braço para Rabbie, depois foi cantarolando uma velha melodia gaélica enquanto tirava a outra do berço. Ele deu uma cheirada no bebê. — Sim! Sujou direitinho, sujou sim.

Sangue de Cristo! Só mesmo Callum poderia parecer entusiasmado em limpar o traseiro de um bebê.

Rabbie segurou o pequeno Angus desajeitadamente, enquanto Callum cuidava de sua filha.

— Não estou certo se consigo fazer isso.

— Fazer o quê?

— Nada disso. Lar, esposa, filhos.

— Você está indo bem em sua primeira lição. — Ele olhou para Angus. — Acho que ele gosta de você, Rab.

O bebê deixou cair a colher de pau que estava roendo, virou-se para olhar para Rabbie... e explodiu num choro estridente.

— Viu? — Rabbie disse.

Callum riu.

— Você vai aprender.

— Eu nunca aprendo. Minha mãe disse isso e a mulher nunca errou.

Bem, isso não era bem verdade, Rabbie admitiu para si mesmo. Sua mãe errara numa coisa. Aceitara um grosseirão sem valor como marido e a escolha lhe custara caro. Seu pai fora um bêbado e não do tipo jovial. Rápido para levantar a mão quando ficava com raiva e lento para voltar para casa com seu salário. Nada lhes dera tanto alívio como no dia em que ele nunca mais voltara, e Rabbie não tinha vergonha de admitir isso.

Estava indo tudo muito bem para Callum para ele dizer que isso era fácil de aprender. O homem fora feito para a vida familiar assim como uma truta fora feita para o rio. Mas o talento de ser um marido e pai decente... não corria no sangue de Rabbie.

— Prontinho. — Callum devolveu Agnes ao berço, enxaguou a mão e foi admirar Angus, que ainda berrava no lugar em que estava sentado no joelho de Rabbie. — Ele tem pulmões fortes, não tem?

Essa era uma maneira de se dizer. Rabbie agradecidamente devolveu Angus. O bebê conhecia seu pai. Ele se aquietou imediatamente.

— Tem guisado de cordeiro na panela, — Callum disse. — Leana fez esta manhã antes de ir ao castelo. Uma refeição adequada e uma caneca de cerveja irão acalmar você.

Rabbie sacudiu a cabeça. Não havia comido desde a manhã do dia anterior. À menção de comida, suas entranhas se retorceram num nó.

Ele se levantou.

— Agradeço a oferta, *mo charaid*. Mas não posso ficar. Há outra pessoa que preciso ver.

Quinze minutos depois de deixar a cabana de Callum, Rabbie estava sentado em outra cozinha — esta pertencente a Munro, o cirurgião de campo que viera com eles para se estabelecer perto de Loch Lannair.

— Estou te dizendo, estou doente, — Rabbie disse. — Meu cérebro virou mingau e meu estômago está doendo. Não creio que consigo ir ao casamento.

Munro suspirou.

— Vamos dar uma olhada, então.

Ele cutucou Rabbie no estômago, examinou seus olhos e ouvidos e enfiou um palito em sua garganta. Rabbie quase vomitou.

Um olhar sombrio surgiu no rosto grisalho do cirurgião.

— Bem, o que foi? — A barriga de Rabbie se retorceu novamente. — Eu vou morrer?

— Talvez. Mas só porque provavelmente vou matar você. — Ele fechou sua bolsa médica.

— Vindo à minha casa e me incomodando, quando você está saudável como um maldito boi.

— Saudável como um... Não, não. Munro, eu juro. Nunca me senti tão mal na minha vida. Não consigo comer. Não consigo dormir. — Rabbie estendeu a mão. — Olha, está vendo isso? Estou tremendo. Acha que é tifo? Ou talvez angina.

— Acredito que sejam seus nervos, porque vai se casar hoje à noite.

Rabbie sacudiu a cabeça.

— Não acho que eu deva fazer os meus votos. E se for contagioso e Sorcha ficar doente? Não posso correr o risco, não até encontrarmos o remédio.

— Oh, eu tenho o remédio que está precisando, — Munro disse. Ele tirou uma jarra de barro de uma prateleira alta e sacou a rolha. — Primeiro, tome um gole disso.

Rabbie deu uma cheirada cautelosa.

— É apenas uísque.

— Sim. Essa é a sua cura. Um bom gole de uísque. E se isso não resolver, a próxima dose virá acompanhada de um belo chute no traseiro. — Ele pegou o uísque de volta. — Agora saia.

— Você não está entendendo, Munro. Não acho que eu seja capaz de...

— Rabbie. — O cirurgião agarrou-o pelos ombros e falou num grunhido baixo e ameaçador. — Eu tenho companhia. Saia.

Companhia?

Rabbie sondou a cozinha e olhou para a pequena sala de estar. Não havia convidado algum que ele pudesse ver.

— Oh, Munro. Não seja tão antipático.

A voz veio do único quarto da cabana. E era familiar. Inglês. Bem-educada. De mulher.

Rabbie franziu a testa. Não. Certamente aquela não poderia ser...

Uma mulher mais velha emergiu do quarto vestindo uma das camisas de linho de Munro — e nada mais.

A *tia Thea* da Maddie MacKenzie?

Depois de enviar uma breve saudação na direção de Rabbie, ela foi encher a chaleira.

— Tenho um novo tônico no meu baú lá no castelo. Vou buscá-lo para você mais tarde.

— Não se atreva, — Munro a repreendeu. — Você e seus tônicos. Deixe as medicações para alguém que sabe o que faz.

Ela ignorou o médico grisalho, levando a chaleira ao fogo.

— Eu te entendo, Rabbie. Admito que nunca vi o fascínio no casamento. Gosto demais da minha liberdade.

Munro olhou para Rabbie e ergueu a sobancelha grisalha:

— Ouça essa mulher. Ela está me usando pelo meu corpo.

Se ela estivesse, o médico não parecia infeliz com isso. Ao contrário. Rabbie achava que ele parecia bastante orgulhoso.

— Deixa disso, — ela disse. — Nós somos amigos. Amigos que curtem a companhia um do outro de vez em quando. Nada de errado nisso. Estamos velhos demais para nos incomodar com o que é apropriado.

— Velhos demais? — Munro fez um som rouco. — Me dê quinze minutos, mulher. Vou te mostrar o quão velho e decrépito eu sou.

— A chaleira está no fogo. Você tem cinco minutos antes que ferva. Dez, no máximo. — Tia Thea voltou para o quarto, cantarolando um canto de sereia.

— Desafio aceito, — Munro murmurou.

Rabbie se levantou num pulo.

— Quer saber, estou me sentindo melhor.

— Você está apenas ansioso. — Munro deu um tapinha no ombro dele, conduzindo-o para a porta. — Isso é natural. Se quer meu conselho, não pense nas pressões do casamento. Fixe sua mente nos prazeres da noite de núpcias.

— Mas...

— Saia, rapaz.

Munro empurrou Rabbie pela porta, depois a fechou e trancou.

E essa foi a extensão de sua opinião médica.

Confira a parte II, apresentando o forte e silencioso Fyfe e Grant, o soldado com uma memória imperfeita, mas um coração de ouro.

Parte II

Fyfe

— Você foi casado, não foi, Fyfe?

— Sim, — Fyfe respondeu com cautela. Embora certamente não soubesse o que Rabbie MacInnes queria, indo ali fazer aquela pergunta, enquanto ele estava juntando a ração de inverno.

— Foi um bom casamento?

— Foi um casamento curto.

— Não lhe trouxe nada além de sofrimento.

— Pouca coisa além disso.

O casamento de Fyfe não havia durado um ano. Maggie morrera de febre no parto e o bebê se fora com ela. Fyfe havia se juntado ao exército na semana seguinte. Ele pensou que isso o ajudaria a esquecer. Em vez disso, lhe dera tempo demais para lembrar.

Mas isso fora anos e anos no passado. Eventualmente, a vida continuava.

— Veja, é por isso que eu gosto de você, Fyfe.

Fyfe bufou. Os homens de Lannair haviam passado pela guerra e pelo pior juntos. Eles passaram a se amar como irmãos. No entanto – como acontecia com irmãos de verdade – isso não significava que todos gostavam um do outro. Ele e Rabbie nunca foram o que chamariam de próximos.

O que tornava muito estranho que Rabbie tivesse ido ao estábulo de Fyfe vomitar seus pensamentos e sentimentos mais profundos. Só acumulava mais lixo para Fyfe escavar.

— Você não fala muito, mas entende o que estou dizendo. — Rabbie lançou uma pequena pedra no pasto. — Homens como Logan, Callum... são felizes demais. Eles não conseguem ver

a verdade: que nem todo casamento é como o deles. Mas você sabe disso. Você não tem intenção nenhuma de se casar novamente.

— Aí é que você se engana, — ele respondeu.

— Estou enganado sobre o quê?

— Eu decidi me casar de novo.

Rabbie estava prestando atenção agora.

— Mesmo? Com quem?

— Jamesina Muir.

Rabbie parecia intrigado.

— Jamesi... Espere. Você quer dizer Ina? A lavadeira?

— Sim. Ina.

Minha Ina, como ele passara a pensar nela.

Cabelos ruivos, olhos brilhantes. Morava numa cabana no final do caminho — a que ficava perto do riacho. Ela cantarolava enquanto lavava as roupas. Fyfe passara a estimar como um tesouro aquele som.

— Não será em breve, — ele disse. — O marido dela fugiu para a América há menos de seis anos. Ela deve esperar um total de sete antes de ele ser declarado morto. — Fyfe enfiou seu forcado no feno e jogou outra garfada no celeiro. — De qualquer forma, agradeço se você não vier aqui reclamar sobre se casar esta noite. Há alguns de nós que trocariam ansiosamente de lugar contigo.

— Fyfe, eu... eu não fazia ideia.

— Bem, nem ela. Eu não a pedi ainda. Então não vá sair espalhando por aí.

— Ninguém acreditaria em mim se eu tentasse. — Ele riu. — Imagine só. O calado e rabugento Fyfe, doente de amor.

— Doente da sua companhia, isso sim. Vá, então. Tenho trabalho a terminar antes de poder tomar banho. Suponho que não me queira em seu casamento cheirando a gado.

Uma vez que seu visitante finalmente se fora, Fyfe retornou ao seu trabalho. Não havia levantado mais do que alguns feixes de feno, quando ouviu passos se aproximando novamente. Ele olhou para cima, pronto para dar a Rabbie outro sermão.

Jamesina Muir dobrou a esquina, uma cesta de roupas equilibrada no quadril.

— Você falou sério?

Fyfe fez uma pausa. Quanto ela tinha ouvido?

— Você falou sério sobre o que disse a ele agora mesmo? — Ela perguntou. — Sobre querer casar comigo?

Ela havia ouvido tudo, aparentemente.

Ele não tinha vontade nenhuma de negar.

— Sim. Falei.

Ina franziu a testa.

— Você nunca disse nada. Às vezes eu tinha a impressão de que você olhava pra mim um pouco mais de tempo do que o necessário. Mas nunca teria pensado...

— Não há muito a dizer, não é? Não por mais um ano. — Ele cravou o garfo no feno e o deixou descansar ali. — E eu não sou dado a conversas.

— Eu percebi isso, — ela respondeu, pensativa. — Você é sempre rigoroso em seu trabalho.

— Quando me proponho a algo, não descanso até que seja feito. — Fyfe passou as mãos em seu kilt. — Eu sei o que quero. Venho querendo isso há algum tempo. Será apenas uma questão de saber se você quer também.

Ele olhou para ela. Ela olhou de volta para ele.

Havia um certo alívio em deixar tudo às claras. Não queria apressá-la. Mas agora ela sabia. Se Ina não o quisesse, ela poderia lhe dizer isso.

Em vez disso, Ina simplesmente perguntou:

— Você tem mais alguma coisa para lavar?

— Nada que eu já não tenha enviado.

— E isso aí?

Ele tocou o linho sujo de sua camisa.

— Isso?

— Sim. Você disse a Rabbie que pretendia se banhar antes do casamento. Posso muito bem levar isso agora.

Fyfe fixou seu olhar nela. Algo lhe dizia que isso não era sobre lavar roupas.

Ele atravessou o estábulo em passadas lentas até ficar a poucos passos de distância. Ele soltou a camisa de seu kilt e a puxou sobre a cabeça. Quando sua pele encontrou o ar frio, puro suor emergiu de seu corpo como vapor.

Ina baixou os olhos. Não por timidez, mas por curiosidade. Ela o olhou da cabeça aos pés, o lábio inferior preso entre os dentes.

Fyfe ficou parado, se deixando livre para a apreciação dela.

Sua vida tinha sido uma de batalha e trabalho árduo. Ele tinha as cicatrizes e músculos para provar, e não tinha vergonha de mostrá-los. E já que ela estava olhando, ele aproveitou a oportunidade para dar uma olhada demorada nos seios tentadores dela e admirar a curva de seu quadril empinado, onde sustentava o cesto de roupa suja.

Fyfe ergueu uma sobrancelha. *Bem?*

Ina já fora casada antes, e ele também. Ambos sabiam o que estavam fazendo. Ela havia gostado do que vira ou não?

Sem dizer uma palavra, ele estendeu a camisa para ela, e ela a pegou.

Ina ergueu a boca num pequeno sorriso.

— Será um ano bem longo.

Fyfe a observou enquanto ela se afastava, notando a ondulação de seus quadris.

Moça, você não faz a menor ideia.

Rabbie

Rabbie não sabia o que estava acontecendo hoje. Seus amigos todos ficaram malucos da cabeça. Essa era a única explicação. Eles haviam ficado tão acostumados com os confortos caseiros e companhia feminina que se esqueceram dos caras durões que costumavam ser. Se esqueceram do canalha que Rabbie ainda era.

Bem, havia um homem em Lannair que se lembraria de sua verdadeira natureza.

Malcolm Allan Grant.

Grant ficara aturdido quando sofreu uma explosão de morteiro durante a guerra. Ele havia perdido a memória de tudo que viera após a lesão e, por algum tempo, precisou ser lembrado repetidas vezes de suas circunstâncias atuais – e das mortes trágicas de sua família. Ele melhorara, lentamente, desde que haviam vindo para Lannair. Na maioria dos dias, Grant não se perdia mais no castelo. Ele se lembrava de pessoas novas se as visse dia após dia. Mas alguma confusão persistia, e ele ainda tratava Rabbie como se estivesse em campanha – dormindo encolhido em suas mantas, contando piadas ao redor da fogueira.

Quando Rabbie entrou na cozinha, Grant ergueu os olhos do monte de cascas de batata.

— Rabbie! O que te traz aqui?

— Estou em busca de boa companhia, suponho. — Rabbie puxou um banquinho e sentou-se ao lado de seu velho amigo. — São muitas batatas.

— Sim, haverá uma festa hoje à noite. — Ele olhou para Rabbie. — Me faça lembrar, qual é a ocasião?

— É um casamento. — Rabbie esfregou o rosto. — O meu, eu acho.

— Ah, eu me lembro agora. Essa sua donzela finalmente cedeu. — Ele pegou outra batata.

O capitão MacKenzie nomeara Grant o zelador do castelo, mas, além de trancar as portas à noite e ficar de vigia se fosse necessário, ele passava boa parte do dia na cozinha do castelo. Cortava nabos e picava batatas, amassava a massa do pão. O ritmo constante daquilo parecia lhe dar firmeza, de alguma forma.

— Você é um bastardo sortudo por conquistar aquela ali, — Grant disse. — Tão bela como o dia é longo.

— Sim. E tão suave quanto a primeira nevada do inverno.

— O que ela vê em você, então?

— Eu não faço ideia, *mo charaid*. Nenhuma mesmo. — Rabbie pegou uma das batatas da pilha, tirou a faca da bota e juntou-se a Grant na tarefa de descascar. Talvez a atividade o ajudasse a entender seus pensamentos também. — Você me conhece. Eu não sou o ideal de marido de nenhuma mulher.

— É uma boa coisa que você o tornará sagrado esta noite, então. Antes que ela possa recobrar o juízo.

— Estive pensando sobre isso, — ele disse a Grant em voz baixa. — Talvez seja mais gentil de minha parte deixá-la ir. Vendo como eu certamente irei desapontá-la algum dia.

— Ah, você não vai desapontá-la. Já a encantou a essa altura.

— Sim, mas encantar uma namorada é uma coisa. Eu não tenho noção de como manter uma esposa.

— Claro que não tem. Você nunca fez isso antes.

Bem, Rabbie supôs que isso era verdade.

— Rabbie MacInnes. — Becky, a jovem criada para todos os serviços do Castelo de Lannair, emergiu da despensa. — Você veio para nos incomodar, pelo que vejo. Não tem outra coisa para fazer?

— Talvez eu tenha vindo para dar a uma certa cozinheira uma última olhada neste belo rosto. Antes de eu me acorrentar em matrimônio.

Becky sacudiu a cabeça, aborrecida.

— Sinto muito, moça, — ele brincou. — Eu sei que o seu coração estava voltado para mim, mas ficarei fora do mercado.

— Então vá embora. — Ela virou o espeto com os gansos assados e depois tirou uma torta de carne do forno. — Se quiser um banquete de casamento apropriado, é melhor nos deixar cozinhar.

— Irei embora daqui a pouco. — Depois que Becky atravessou a cozinha e começou a dividir a massa em pães bannock, Rabbie baixou a voz. — Viu? — Ele disse a Grant. — Você sabe o fanfarrão incurável que eu sou. Geralmente, isso não causa nenhum mal. Mas estes são votos. Se eu não puder honrá-los desta vez, Sorcha é quem vai pagar.

Grant colocou a faca de lado e apoiou os antebraços musculosos na mesa.

— Deixe-me lhe dizer uma coisa, Rab. Depois daquela explosão, a minha mente foi espalhada em todas as direções. Parecia que eu estava desbravando novos caminhos no meu cérebro, tentando conectar uma parte a outra. E em alguns dias eu simplesmente ia tropeçando através de um nevoeiro. Mas em todo esse tempo, nunca me senti verdadeiramente perdido. Você sabe o motivo?

— Não.

— Por sua causa.

— *Minha?*

— Sim, sua. E do capitão e Maddie, Callum e Fyfe. Da Becky também. — Ele apontou com a cabeça para a criada. — Se algum dia eu me perder, sei que um de vocês vai me apontar a direção certa. Não estou com medo. Não mais.

Rabbie pensou nisso. Seu pai não lhe ensinara uma maldita coisa sobre ser um bom marido e pai, ou mesmo um homem decente. Mas ele estava cercado de exemplos de homens bons agora. Capitão MacKenzie, Callum, Munro, Fyfe — até mesmo Grant. Rabbie gostava de pensar que se tornara um homem melhor nos anos em que vivera e trabalhara entre eles. Não

um homem perfeito, de forma alguma. Mas talvez Grant estivesse certo. Se alguma vez ele ficasse incerto sobre o seu caminho, um deles estaria por perto para apontar a direção.

Rabbie colocou as duas mãos na mesa e se levantou. Becky estava certa – ele tinha coisas a fazer.

— Obrigado, Grant. Você foi muito útil.

Grant

— Foi muito bom isso que você fez, Grant. — Becky colocou os pães bannock no forno. — Não sei como tem paciência de ouvir todas as pessoas neste castelo.

— É um prazer. — Ele colocou as batatas descascadas no cesto e as levou até a panela de água fervente. — Todos eles me ajudaram e fico feliz em ser de alguma ajuda em troca.

Mais cedo ou mais tarde, todas as almas de Lannair vinham e se sentavam à mesa de trabalho da cozinha, enquanto Grant descascava batatas ou fatiava nabos. Eles lhe contavam os seus segredos, planos, sonhos... qualquer coisa que pudessem se envergonhar de admitir em voz alta para outra pessoa. Grant supunha que vinham até ele porque, mesmo que desejasse quebrar a confiança, provavelmente não se lembraria da história direito.

Isso não o incomodava. Ele gostava de ouvir e gostava de sentir que servia a um propósito em Lannair além de trancar as portas do castelo à noite e levantar coisas pesadas de um lugar para outro.

Falando em coisas pesadas...

Grant se apressou em ajudar Becky, que estava equilibrando uma cesta de ovos em um braço e um saco de aveia no outro.

— Você deveria me deixar fazer isso, — ele disse.

Ele colocou a aveia de lado, depois pegou os ovos da mão dela e os colocou na mesa.

Quando Grant girou de volta, Becky estava muito perto dele. Ambos estavam respirando com um pouco de dificuldade e, da parte dele, não era por causa do peso da aveia.

Havia outras razões pelas quais Grant gostava de ficar na cozinha. Uma outra razão, em particular – e ela estava de pé diante dele agora. Por Deus, ela era formosa. Suas bochechas estavam rosadas e os pequenos fios de cabelo em suas têmporas estavam enrolados devido ao calor da cozinha.

Linda.

As batidas do seu coração atingiam suas costelas como tiro de canhão.

— Você é um bom homem, Malcolm Grant. — Becky olhou timidamente para ele. — O melhor homem que conheço.

Antes que ele soubesse o que estava acontecendo, os braços dela estavam em volta do seu pescoço. E então seus lábios tocaram os dele, doces e macios como pétalas. Grant a tomou em seus grandes braços, levantando-a para que pudesse beijá-la de volta adequadamente. Ele desejava ser terno, mas também desejava... Cristo, ele simplesmente *desejava*.

Desejava Becky.

Desejava isso.

Desejava mais.

Ela interrompeu o beijo e ele ficou com um eco de doçura e calor. Uma lembrança. Uma que seguraria com toda a sua força.

Seu cérebro estava girando com a magia daquilo. E quando conseguiu recuperar o fôlego...

Becky virou seu mundo de cabeça para baixo com o que ela disse em seguida.

Parte III

— Grant, eu... eu me apaixonei por você.

Ele não conseguia falar.

— Não espero ouvir nada em troca. Só sou corajosa o suficiente para te contar, porque sei que não vai se lembrar disso amanhã.

— Você parece ter muita certeza de que não vou.

— Infelizmente, sim. Eu tenho.

Ele sorriu um pouco.

— Porque você acha que eu não me lembro das outras vezes em que nos beijamos.

Os braços dela escorregaram de seu pescoço.

— Você... você disse...?

— Sim, moça. Eu me lembro de cada uma. Bem, nove delas, pelo menos. Posso ter perdido algumas antes de começar a fazer anotações.

— Oh, Senhor! Você manteve anotações? — O rosto dela estava ficando mais vermelho a cada momento.

— Sempre escrevo uma nota para mim mesmo se algo é importante para mim. E seus beijos são muito, muito importantes para mim.

— Por que você não disse alguma coisa?

Grant passou a mão no cabelo cortado bem curto.

— Não sabia como te dizer.

— Isso é tão embaraçoso. — Ela virou de costas para ele. — Você deve pensar que eu sou uma tola.

— Nada do tipo. — Ele a circulou rapidamente, tentando capturar o seu olhar. — Becky, por que você acha que eu venho à cozinha dia após dia? Não é por amor aos nabos. — Ele pôs um dedo sob o queixo dela, inclinando sua cabeça até que ela o olhasse nos olhos. — Você é tão bonita. E tão gentil. Eu gosto do jeito que você ri, do jeito que você cheira. Do jeito que seu cabelo cai sobre sua testa, às vezes. Eu gosto... Não, eu amo estar perto de você.

— Então por que não me contar a verdade?

— Porque não há nada de bom nisso. — Ele engoliu em seco. — Eu não poderia ser o marido que você merece.

— Você tem pensado assim? Nós dois nos casando?

— Sim, moça. Estive pensando dessa maneira. — Ele tomou sua cintura em suas mãos. — Muito tempo antes da primeira vez que nos beijamos, mesmo sabendo que não havia esperança.

— Por que não havia esperança? Não estaríamos sem amigos. Como você acabou de dizer a Rabbie agora. Os outros nos guiariam de volta ao caminho certo.

— Não é a mesma coisa. Há partes de mim que ainda estão em pedaços. Eu tenho sonhos ainda, algumas noites. E se eu acordasse e não soubesse quem está dormindo ao meu lado? — Grant deslizou as mãos ao redor dela, apertando o linho de seu vestido nos punhos. — Se alguma vez eu te machucasse... não saberia como suportar isso. Não poderia protegê-la, nem sustentá-la do jeito que um homem deveria sustentar uma esposa.

— Eu acho que você poderia. — Seus olhos se suavizaram. — Acho que poderia fazer quase qualquer coisa.

Com todo o seu coração, ele queria acreditar nisso.

— Com o tempo, talvez. Mas quem poderia saber quanto tempo? Eu não pediria para você esperar.

— Você não está me pedindo para esperar, Malcolm Grant. Eu estou dizendo que pretendo fazer isso de qualquer maneira. Se você me amar também, quero dizer.

Ele descansou a testa na dela.

— Eu sou extremamente apaixonado por você, moça. O caminho do meu coração para o seu foi traçado há muito tempo.

— Então, vamos andar juntos a partir daqui, — ela sussurrou. — Um passo de cada vez.
Um passo de cada vez.

Grant era um homem forte, no corpo, mesmo que não tanto em sua mente. Mas aquele olhar devotado nos olhos dela o deixou fraco até os ossos.

Que Deus lhe desse a graça para merecê-la.

— Pelas minhas contas, — ele disse, — nós tivemos nada menos do que nove primeiros beijos. Acho que estamos prontos para dar aquele próximo passo agora.

Uma linda covinha se formou na bochecha de Becky. Com um rápido olhar para se certificar de que ninguém estava olhando, ela o pegou pela mão e o levou para a despensa.

Deus misericordioso!

Grant mal podia esperar para ler a nota que deixaria para si mesmo na manhã seguinte.

Rabbie

Naquela noite, Rabbie estava no grande salão do Castelo de Lannair, vestido com seu kilt, uma camisa nova e um fraque preto emprestado do capitão MacKenzie. Seu estômago permanecia um nó de nervos, mas seu coração e seus pensamentos haviam se acalmado.

Ele podia fazer isso.

Mais ainda, ele *queria* fazer isso.

Rabbie olhou o salão. Os convidados estavam reunidos. A família de Sorcha viajara de Inverness e até de mais distante. Não havia nenhum MacInnes no meio da multidão, mas isso não importava. Callum, Munro, Fyfe, Grant, o capitão... todos eles estavam presentes e eram a sua família.

Apenas uma pessoa estava faltando.

A noiva.

— Cristo, — Rabbie murmurou. — Eu sabia. Sabia que ela acabaria recuperando o juízo e perceberia que estaria jogando fora sua vida comigo.

— Calma, — Callum colocou a mão no ombro de Rabbie. — Ela provavelmente está enrolada com o cabelo ou as flores. Sabe como são as mulheres.

Minutos agonizantes se passaram. Os convidados começaram a ficar inquietos. Quando passos finalmente foram ouvidos descendo as escadas, Rabbie prendeu a respiração.

Não era Sorcha.

O salão ficou silencioso enquanto os saltos de Maddie MacKenzie estalavam ao longo do chão de pedra.

— Onde ela está? — Rabbie sussurrou. — Ela mudou de ideia, não foi?

— Ela não disse nada do tipo. Mas pediu para ver você.

Seus joelhos tremeram.

— Ela vai me deixar.

— Você não sabe disso.

— Eu sei, sim. Ela vai me deixar, mas não fugiria sem me dizer isso na minha cara. Ela é boa demais para isso. Boa demais para mim.

— *Rabbie*. Vá falar com ela.

Ele assentiu com resignação.

— Muito bem.

Ele a encontrou no quarto designado como o vestiário da noiva. Sorcha estava sentada em uma cadeira perto da lareira, com as mãos entrelaçadas no colo.

Rabbie ficou na porta por um momento, apenas olhando. Se ela ia deixá-lo, ele a olharia enquanto pudesse.

Deus, ela era linda. Seu cabelo escuro estava preso para cima em cachos e amarrado com fita dourada. Fita dourada orlava o seu vestido também, brilhando à luz das velas. Seu coração doeu com a delicadeza.

Eventualmente, ele limpou a garganta.

— Rabbie, — ela disse, virando-se. — Obrigada por ter vindo.

— Não precisa me agradecer, Sorcha. O que quer que tenha a dizer, eu vou ouvir.

Ela olhou para o chão.

— Eu não tenho certeza se consigo ir até lá.

Ele fechou os olhos enquanto o ar saía de seus pulmões.

Ela continuou:

— Sinto mui...

— Não, moça. Não peça desculpas. É um alívio ouvi-la dizer isso, de verdade. Eu me perguntava quando você seria sábia o suficiente para perceber que eu não a mereço. Melhor agora do que anos mais tarde.

— Ah, não. — Sorcha se levantou. — Rabbie, não é isso.

— Não é?

Ela balançou a cabeça, e o olhar carinhoso em seus olhos lhe deu esperança.

— Então o que é? — Ele se moveu em direção a ela, cauteloso. — Seu pai está se opondo?

— Não.

— Não me diga que está com medo da noite de núpcias. Apesar dos rumores que possa ter ouvido, eu não sou *tão* grande assim.

Sorcha riu um pouco enquanto entrava em seu abraço.

— Você sempre me faz rir.

— É a minha maior alegria ouvi-la rir. — Rabbie a guiou para se sentar, depois puxou uma cadeira ao lado dela. — E é o meu maior medo que um dia eu te dê motivo para chorar.

— Por que temeria isso? Você não me ama?

— Moça, meu coração se perdeu no momento em que pus os olhos em você. Pergunte a qualquer um dos homens no salão. — Ele tocou a bochecha dela. — Então me conte. O que está em seu coração? Você não sente o mesmo?

— Claro que eu sinto. Eu te amo desesperadamente, Rab. É só que... — Ela desviou o olhar. — Um casamento. Casar. Somos jovens. Não temos noção do que estamos fazendo. Parece que estamos dando um salto de um penhasco. Estou assustada.

Não havia nada mais a ser feito. Ele riu.

Ela olhou para ele, ferida.

— Você está rindo?

— Não de você, Sorcha *gradh*. É só que fico feliz em ouvi-la dizer isso. Tenho me sentido da mesma maneira.

— Tem?

— Ah, sim. Não tenho uma refeição adequada ou um bom sono há duas noites.

Ela sorriu, parecendo mais com o seu eu habitual.

— Foram três para mim.

— Bem, pelo menos podemos admitir nossos verdadeiros sentimentos um para o outro.

Temos isso, não temos?

— Honestidade é importante. E isto também.

Sorcha se inclinou e pressionou os lábios macios nos dele, deslizando a mão em seu cabelo. Ele a beijou de volta, com tanta paixão quanto ousava.

Era como voltar para casa.

Rabbie exalou, sentindo o medo de uma vida se dissipar.

— Temos isso também.

— Acha que será o suficiente?

Ele ficou em silêncio, ponderando.

— Aqui está o jeito como vejo as coisas. Se vou dar um salto de um penhasco... Não há mais ninguém que eu prefira estar segurando a mão.

Rabbie ofereceu sua mão.

Sorcha a pegou, entrelaçando os dedos com os dele.

— Vamos descer e nos casar.

Maddie

Com os brindes, a festa, a música, as danças, as bebidas... Estava mais perto do amanhecer do que da meia-noite o momento em que os festejos do casamento chegaram a um fim mergulhado em uísque.

Maddie subiu as escadas para o quarto com os pés cansados. Logan seguiu logo atrás dela.

Uma vez que estavam em segurança atrás de uma porta fechada, ele recostou na porta e gemeu.

— Que bom que acabou.

Logan havia tirado as palavras de sua boca. Fora um longo dia para os dois. Enquanto ela tirava as joias, ele arrancava as botas e removia as meias, que iam até os joelhos, de suas panturrilhas.

— Pelo menos o casamento foi adiante, — ele disse. — Fiquei preocupado lá por um momento.

— Eu não, — Maddie disse. — Sabia que você mesmo os teria empurrado até o altar, se eles não tivessem ido de bom grado. — Ela se virou de costas para Logan para que ele pudesse ajudá-la com os botões de seu vestido.

— Eles tiveram tempo demais para ficar pensando sobre isso, — Logan disse. — Se quer saber, nós é que fizemos do jeito certo.

— O que, casar três horas depois de nos conhecermos?

— Você não era uma estranha para mim, — ele respondeu presunçosamente. — Eu a conhecia há quase dez anos, e te amei durante a metade deles.

— Bem, se vamos discutir esse ponto, eu te amei primeiro. Idealizei você dos meus sonhos, lembra?!

— Vamos apenas concordar que fomos feitos um para o outro.

Enquanto penteava o cabelo na penteadeira, Maddie observava o reflexo do marido no espelho. Ele desenrolou as dobras de seu kilt, deixando-o de lado antes de tirar a camisa por cima da cabeça. O olhar dela percorria as superfícies rígidas de suas costas e os músculos esculpados de suas coxas.

Ah, sim, ela pensou. Bem feito, de fato.

Maddie deixou de lado a escova e começou a abotoar os botões de sua camisola.

— Não se incomode com isso. — Chegando por trás dela, Logan tomou sua cintura em suas mãos e se inclinou para acariciar seu pescoço.

Ela se derreteu contra o peito dele com um suspiro.

— Depois do dia que tivemos, não posso acreditar que ainda tenha forças para isso.

— Mulher, você se esqueceu da época em que fui esfaqueado? — Ele a guiou para a cama e deslizou sua camisola para o lado, desnudando seu seio. — Mesmo daquele jeito, eu ainda tinha forças para isso.

— Captei a mensagem.

Ele sugou o mamilo em sua boca e a provocou com os dedos até que Maddie ficasse em chamas de desejo.

— Nunca terei o suficiente disso, — Logan disse com a voz rouca. — O jeito que meu corpo se encaixa no seu. O jeito que você me abraça tão apertado, como se não fosse me largar.

Ela ofegou quando ele a penetrou.

— Você sabe que eu nunca o largaria.

Eles se conheciam tão bem, se uniam como duas metades de um todo. Maddie precisava disso tanto quanto ele. Essa sensação de ser amada, desejada, protegida. Completa.

Logo eles encontraram um ritmo fácil e familiar. Logan sabia onde ela queria ser beijada suavemente e onde ela gostava de uma mordida provocante. Maddie sabia como ele ficava louco quando ela agarrava o seu traseiro com as duas mãos, o melhor jeito para senti-lo profundamente.

Quando chegou ao fim, ele a abraçou.

— Nós ficaríamos juntos de alguma forma. Você sabe disso, não sabe? Se suas cartas não tivessem me encontrado, eu teria procurado por você.

Maddie riu para si mesma enquanto imaginava a cena: um Highlander de quase dois metros andando pelas colinas verdejantes da Inglaterra, batendo em todas as portas em busca de uma solteirona tímida e apaixonada por livros.

Mas, na realidade, será que isso era menos crível do que o modo como eles *tinham* se conhecido?

— Estou falando sério, *mo chridhe*. — Logan olhou profundamente em seus olhos. — Eu teria encontrado você.

Maddie colocou os braços em volta do pescoço dele.

— Eu teria esperado.

***Muito obrigada por ler, e por fazer essa jornada com Maddie, Logan e todos os outros.
Espero que tenha o mais feliz dos natais e um ano novo cheio de surpresas maravilhosas.***

Tradução: Suelen Mattos